ISSN: 2358-8829

RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA NOS CURSOS DE EXTENSÃO DE LIBRAS NÍVEL BÁSICO DA DAIN/UERN

Ítalo Santos Ferreira [1]
Giany Paiva Pedrosa [2]

RESUMO

Nesta pesquisa buscamos relatar as experiências acerca das vivências docentes nos cursos básicos de Libras ofertados pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, por meio da Diretoria de Ações Inclusivas – DAIN, ministrados pelos Instrutores de Libras da instituição. Com este trabalho objetivamos relatar nossas práticas pedagógicas desenvolvidas nas modalidades presencial e virtual, trazendo um contraste sobre educação a distância e presencial, uma vez que os planejamentos didáticos e as estratégias utilizadas durante as aulas se diferem devido a modalidade de ensino utilizada. Para o embasamento teórico, utilizamos da legislação com o Brasil (2002; 2005); Quadros (1997) Quadros et. al. (2023); Costa (2015); Ribeiro (2026). Para realização da pesquisa, utilizamos o método de observação e descrição com uma abordagem qualitativa. Os resultados da pesquisa nos mostram que a educação a distância ampliou significativamente o acesso ao ensino de Libras, principalmente no período pós-pandemia, entretanto ainda existem muitos desafios relacionados a aspectos técnicos, o que dificulta o processo e conferem à modalidade presencial importantes vantagens no processo formativo. Quanto à educação a distância, é bastante positivo o fato de possibilitar que pessoas de diferentes localidades, que de outra forma não conseguiriam estar presencialmente, tenham a oportunidade de aprender língua de sinais. Evidenciamos a aprendizagem significativa dos alunos participantes em ambas as modalidades, além de colaborarmos para o crescimento da comunidade surda e avanço da difusão da língua de sinais do Brasil.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, ocupa lugar relevante nas discussões relacionadas aos direitos linguísticos das pessoas surdas e à ampliação das possibilidades

[1] Especialista em Libras. Instrutor de Libras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, RN. E-mail: italoferreira@uern.br.
[2] Mestra em Educação Inclusiva. Professora do Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS), Mossoró - RN. Instrutora de Libras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, gianypedrosa@uern.br.

ISSN: 2358-8829

de comunicação em diferentes espaços sociais e educacionais. Sua difusão entre pessoas ouvintes constitui, nesse contexto, uma das ações que podem contribuir para diminuir barreiras comunicacionais e favorecer interações entre surdos e ouvintes.

No âmbito universitário, a extensão constitui uma das possibilidades de aproximação entre a instituição e a sociedade, permitindo que conhecimentos produzidos e mobilizados na universidade alcancem diferentes públicos. Os cursos de extensão de Libras destinados a pessoas ouvintes inserem-se nesse movimento ao proporcionar espaços sistematizados de contato com a língua e com aspectos relacionados à comunidade surda. Na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Diretoria de Ações Inclusivas (DAIN) oferta cursos de Libras em diferentes níveis, ministrados por instrutores da instituição e destinados à comunidade acadêmica e externa.

O ensino de Libras para pessoas ouvintes apresenta especificidades relacionadas tanto à modalidade visuoespacial da língua quanto às experiências linguísticas dos cursistas. Conforme Quadros (1997), as línguas de sinais apresentam organização linguística própria e utilizam o espaço e o canal visual para sua produção e percepção. Ensinar Libras, portanto, envolve condições que favoreçam a visualização da sinalização, a interação entre os participantes, a observação das produções realizadas pelos aprendizes e a possibilidade de intervenção do professor durante o processo de aprendizagem.

Essas condições assumem características distintas quando o curso é desenvolvido presencialmente ou em ambiente virtual. No espaço presencial, instrutores e cursistas compartilham o mesmo ambiente físico, enquanto, nas aulas virtuais, a interação ocorre por meio da mediação tecnológica. Essa diferença repercute sobre a organização das aulas e exige que estratégias e atividades sejam pensadas considerando as possibilidades e limitações de cada ambiente de ensino.

Ao mesmo tempo, a modalidade virtual pode ampliar as possibilidades de participação ao reduzir barreiras relacionadas ao deslocamento e à distância geográfica. Dessa forma, a análise das experiências presenciais e virtuais não deve partir necessariamente da busca pela superioridade de uma modalidade, mas da compreensão das diferentes condições em que o processo formativo se desenvolve e das respostas pedagógicas construídas diante delas.

É nesse cenário que se situa a experiência analisada neste trabalho. No primeiro semestre de 2025, foram ofertadas quatro turmas do curso de extensão de Libras Nível Básico da UERN/DAIN, sendo duas presenciais e duas virtuais. As quatro turmas

ISSN: 2358-8829

seguiram o mesmo conteúdo programático e disponibilizaram inicialmente 30 vagas cada, possibilitando aos instrutores vivenciar o ensino de conteúdos equivalentes em condições distintas de interação pedagógica.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo relatar as experiências docentes vivenciadas nos cursos de Libras Nível Básico, nas modalidades presencial e virtual, estabelecendo reflexões e contrastes entre as formas de planejamento e as estratégias didáticas utilizadas em cada modalidade de ensino. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio da observação e descrição das experiências vivenciadas pelos autores durante a atuação nas quatro turmas ofertadas em 2025.1. A análise considera especialmente as condições de interação entre cursistas e instrutores, a realização de atividades práticas, as dificuldades observadas no ambiente virtual e a permanência dos participantes ao longo das formações.

As experiências analisadas evidenciaram diferenças nas condições de interação, no desenvolvimento das atividades e no acompanhamento dos cursistas nas duas modalidades. Embora o presencial tenha favorecido a interação e as práticas coletivas, as turmas virtuais apresentaram maior permanência, revelando potencialidades e limitações distintas e demandando dos instrutores estratégias adequadas às condições de cada ambiente de ensino.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio da observação e descrição das experiências docentes vivenciadas nos cursos de extensão de Libras Nível Básico ofertados pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por meio da Diretoria de Ações Inclusivas (DAIN), durante o primeiro semestre de 2025. O estudo assume a configuração de relato de experiência, tendo como foco as vivências dos autores enquanto instrutores de Libras e as reflexões decorrentes da atuação em turmas desenvolvidas nas modalidades presencial e virtual.

A experiência analisada compreendeu quatro turmas de Libras Nível Básico, sendo duas presenciais e duas virtuais, ofertadas nos turnos matutino e noturno. Foram disponibilizadas 30 vagas para cada turma, totalizando 120 matrículas iniciais. Todas seguiram o mesmo conteúdo programático, circunstância que possibilitou observar o

desenvolvimento de conteúdos equivalentes em diferentes condições de interação pedagógica e as adaptações realizadas pelos instrutores em suas estratégias de ensino.

Para a sistematização do relato, foram consideradas as experiências dos autores durante o planejamento e a realização das aulas, bem como situações recorrentes observadas ao longo das formações. A análise contemplou a organização das aulas, as possibilidades de interação entre cursistas e instrutores e entre os próprios cursistas, o acompanhamento das produções em Libras, a realização de atividades práticas e coletivas e as condições de participação em cada modalidade. Nas turmas virtuais, também foram consideradas as situações relacionadas à mediação tecnológica, enquanto, nas presenciais, foram observadas as possibilidades proporcionadas pelo compartilhamento do mesmo espaço físico.

Foram ainda considerados, de forma descritiva, os dados de permanência nas quatro turmas. Dos 60 cursistas inicialmente matriculados nas duas turmas presenciais, 16 concluíram a formação, correspondendo a 26,7% das matrículas iniciais dessa modalidade. Nas duas turmas virtuais, 31 dos 60 matriculados concluíram o curso, correspondendo a 51,7%. Esses dados foram utilizados para caracterizar a experiência e subsidiar as reflexões sobre as modalidades, sem estabelecer relação causal entre a forma de oferta e a permanência dos cursistas, uma vez que não foram utilizados instrumentos específicos para investigar as razões das desistências.

A análise foi organizada a partir de dimensões recorrentes nas experiências docentes: planejamento e adaptação das estratégias didáticas; interação entre cursistas e instrutores; interação entre os próprios cursistas; acompanhamento da produção em Libras; realização de atividades práticas e coletivas; condições técnicas de participação; e permanência ao longo da formação. A comparação entre as modalidades não teve como finalidade estabelecer qual delas seria superior, mas compreender as possibilidades e limitações percebidas pelos instrutores no desenvolvimento do mesmo nível de formação em ambientes distintos.

Por se tratar da sistematização de uma experiência docente já realizada, não foram empregados instrumentos experimentais destinados a comparar o desempenho dos cursistas das modalidades presencial e virtual. Da mesma forma, os dados de conclusão não são utilizados como indicadores diretos de aprendizagem. As reflexões apresentadas concentram-se nas condições observadas durante a prática docente e nas estratégias

construídas para o ensino de Libras em cada modalidade, reconhecendo os limites próprios de um relato de experiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão das experiências docentes desenvolvidas nos cursos de Libras requer, inicialmente, considerar o reconhecimento dessa língua e as especificidades linguísticas que repercutem diretamente em seu ensino. A Lei nº 10.436/2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, compreendendo-a como um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, utilizado pelas comunidades surdas brasileiras (Brasil, 2002). Esse reconhecimento representou um marco para a valorização da Libras e para sua presença em diferentes espaços sociais e educacionais.

A regulamentação da referida lei pelo Decreto nº 5.626/2005 ampliou as disposições relacionadas à Libras, estabelecendo medidas voltadas, entre outros aspectos, à sua inserção na formação de profissionais, à formação de professores e instrutores e à garantia do acesso das pessoas surdas à educação e a diferentes serviços (Brasil, 2005). Nesse contexto, a difusão da Libras entre pessoas ouvintes ultrapassa a aprendizagem de um conjunto de sinais, inserindo-se em um processo mais amplo de reconhecimento da diferença linguística e de ampliação das possibilidades de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes.

Do ponto de vista linguístico, a Libras apresenta características próprias das línguas de modalidade visuoespacial. Quadros (1997) destaca que as línguas de sinais constituem sistemas linguísticos naturais, organizados em diferentes níveis e produzidos por meio de recursos visuais e espaciais. Essa compreensão é aprofundada pelos estudos linguísticos contemporâneos da Libras, que evidenciam sua organização nos diferentes níveis gramaticais e a participação de componentes manuais e não manuais na constituição da língua (Quadros et al., 2023). Tais características possuem implicações para seu ensino, uma vez que a aprendizagem demanda atenção não apenas aos sinais isoladamente, mas às diferentes formas de organização e produção linguística.

Para pessoas ouvintes habituadas predominantemente a uma língua oral-auditiva, a aprendizagem de Libras demanda, portanto, a construção de formas de percepção e produção linguística diferentes daquelas mobilizadas no uso cotidiano da língua

ISSN: 2358-8829

portuguesa. O processo formativo precisa proporcionar oportunidades para observar a sinalização, produzir enunciados, interagir em Libras e receber intervenções que auxiliem no desenvolvimento das habilidades linguísticas. Dessa forma, a organização das aulas e as estratégias utilizadas pelo instrutor assumem especial relevância, sobretudo nos níveis iniciais de aprendizagem.

A natureza visuoespacial da Libras também confere particular importância às condições de interação estabelecidas durante o processo de ensino. A produção linguística envolve elementos articulados no espaço de sinalização e componentes não manuais, fazendo com que a visualização ocupe lugar central tanto na compreensão quanto na produção da língua (Quadros et al., 2023). Dessa forma, as condições pelas quais instrutores e cursistas podem observar e interagir com as produções uns dos outros constituem um aspecto relevante na organização das experiências de ensino de Libras.

A discussão sobre essas condições torna-se particularmente pertinente quando a formação é ofertada em modalidades distintas. O ensino presencial e o ensino mediado por tecnologias estabelecem formas diferentes de organização do espaço, da interação e da participação dos envolvidos. No caso da Libras, essas diferenças precisam ser consideradas em articulação com as características da própria língua, uma vez que as condições de comunicação visual integram o processo de ensino e aprendizagem.

A utilização de ambientes virtuais na formação amplia as possibilidades de organização dos processos educativos e permite que a interação ocorra sem o compartilhamento do mesmo espaço físico. Ao mesmo tempo, essa forma de ensino estabelece condições específicas de mediação e exige que práticas originalmente desenvolvidas em situações presenciais sejam pensadas em função das características do ambiente utilizado. No ensino de Libras, essa discussão ganha relevância particular pela centralidade da dimensão visual na comunicação. Nesse sentido, precisamos entender também que o uso das tecnologias digitais é essencial para que as aulas virtuais possam oferecer a melhor qualidade possível, nisto Ribeiro *s.d,* explica o conceito de tecnologias digitais como:

> Tecnologia digital é um conjunto de tecnologias que permite, principalmente, a transformação de qualquer linguagem ou dado em números, isto é, em zeros e uns (0 e 1). Uma imagem, um som, um texto, ou a convergência de todos eles, que aparecem para nós na forma final da tela de um dispositivo digital na linguagem que conhecemos (imagem fixa ou em movimento, som, texto

> verbal), são traduzidos em números, que são lidos por dispositivos variados, que podemos chamar, genericamente, de computadores. (Ribeiro, 2026, *s.d)*

A utilização dessas ferramentas digitais vai para além dos espaços virtuais e também são instrumentos imprescindíveis para o desenvolvimento de aulas com mais dinâmica. Para isto, Costa, Duqueviz e Predroza (2015) nos mostra que a utilização das Tecnologias digitais é importante como instrumento de mediação para educação de jovens:

> [...] as TDIC podem e devem ser utilizadas em contexto escolar como instrumentos mediadores da aprendizagem de jovens que já as utilizam fora da escola e, principalmente, para inserir digitalmente os jovens que ainda se encontram sem acesso às tecnologias digitais na sociedade contemporânea. A escola tem a responsabilidade de buscar o fazer na criação com curiosidade e autonomia, pois a imaginação precisa ocupar lugar de destaque no contexto escolar pela necessidade de desempenhar um importante papel no processo ensino-aprendizagem. (Costa; Duqueviz e Pedroza, 2015, p.607)

Nesse sentido, refletir sobre a docência em cursos de Libras desenvolvidos presencial e virtualmente implica considerar não apenas os conteúdos ensinados, mas as condições nas quais as interações linguísticas e pedagógicas são estabelecidas, pensando também nas estratégias que serão utilizadas durante o processo de ensino-aprendizagem, considerando o uso das TDIC dentro desse contexto escolar, conforme Costa, Duqueviz e Pedroza (2015) nos mostra. O planejamento e as estratégias docentes precisam dialogar com as características do ambiente de ensino e com as especificidades da língua trabalhada. Essa perspectiva fornece a base para analisar as experiências vivenciadas nas quatro turmas de Libras Nível Básico da UERN/DAIN, buscando compreender as demandas, possibilidades e limitações percebidas pelos instrutores em cada modalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência desenvolvida nas quatro turmas de Libras Nível Básico da UERN/DAIN, no primeiro semestre de 2025, permitiu observar que a utilização de um mesmo conteúdo programático em modalidades distintas não implica condições equivalentes para a prática docente. Embora as turmas presenciais e virtuais compartilhassem os conteúdos previstos para o nível básico, as formas de interação,

acompanhamento dos cursistas e desenvolvimento das atividades exigiram dos instrutores estratégias diferenciadas ao longo do processo formativo.

Um dos aspectos que mais se destacou nas turmas presenciais foi a interação estabelecida durante as aulas. O compartilhamento do mesmo espaço físico facilitava a comunicação entre instrutores e cursistas e favorecia a interação entre os próprios participantes. Durante as atividades, era possível observar com maior proximidade as produções sinalizadas, identificar dificuldades e realizar intervenções no momento em que elas surgiam. Essa condição mostrou-se particularmente relevante no ensino de Libras, considerando que sua organização linguística envolve elementos manuais, espaciais e não manuais que precisam ser visualmente percebidos durante a comunicação (Quadros et al., 2023).

A presença física também favorecia a organização de atividades práticas. Exercícios em pares ou grupos podiam ser propostos e acompanhados durante a própria aula, permitindo que os cursistas utilizassem os conteúdos estudados em situações de interação. Para os instrutores, circular pelo espaço, observar diferentes produções e intervir diretamente constituía uma possibilidade importante de acompanhamento. A interação entre os cursistas também se mostrava mais espontânea, não dependendo da organização de salas virtuais, do funcionamento de equipamentos ou de outras mediações tecnológicas.

Nas turmas virtuais, por outro lado, o desenvolvimento das aulas exigia adaptações relacionadas às características do ambiente digital. A tela passava a constituir o principal espaço de contato entre instrutores e cursistas e, consequentemente, a câmera adquiria função pedagógica central. Quando os participantes mantinham as câmeras abertas, era possível acompanhar suas produções e desenvolver atividades de interação em Libras. Entretanto, a permanência de alguns cursistas com as câmeras desligadas constituiu uma dificuldade recorrente. Nessas situações, os instrutores não conseguiam verificar se o participante estava efetivamente acompanhando a aula nem observar sua produção sinalizada durante as atividades propostas.

Essa situação assumia uma dimensão particular por se tratar do ensino de uma língua visuoespacial. Em uma aula de Libras, a ausência da imagem não representa apenas uma redução da interação entre professor e estudante, pois limita o acesso do instrutor à própria produção linguística do cursista. Mesmo quando o participante permanecia conectado à plataforma, a câmera desligada restringia as possibilidades de

ISSN: 2358-8829

acompanhamento e intervenção pedagógica. Considerando a centralidade da dimensão visual para a produção e percepção da Libras (Quadros, 1997; Quadros et al., 2023), esse aspecto constituiu uma das principais diferenças percebidas pelos instrutores entre as duas modalidades.

Problemas relacionados à conexão com a internet também interferiam ocasionalmente no andamento das aulas. Instabilidades podiam interromper a participação ou prejudicar a qualidade da imagem, dificultando a visualização da sinalização. Nessas situações, uma questão aparentemente técnica passava a ter repercussões pedagógicas, uma vez que a qualidade da transmissão visual interferia nas possibilidades de acompanhar a produção em Libras.

As diferenças entre as modalidades também foram percebidas na realização das atividades práticas. Enquanto nas turmas presenciais era possível organizar com maior facilidade atividades em duplas ou grupos durante a própria aula, no ambiente virtual essa dinâmica se mostrou mais difícil. Atividades coletivas que envolviam organização dos participantes e produção posterior exigiam maior planejamento e acompanhamento. Estratégias utilizadas no espaço presencial, portanto, nem sempre podiam ser simplesmente transferidas para o ambiente virtual, demandando adaptações por parte dos instrutores.

Apesar dessas dificuldades, a experiência não permite compreender o ensino virtual de Libras apenas a partir de suas limitações. A modalidade possibilitou a oferta da formação sem a exigência de presença física na universidade, eliminando a necessidade de deslocamento para participação nas aulas. Essa característica representa uma possibilidade importante de ampliação do alcance dos cursos, ainda que as condições específicas de participação dos cursistas não tenham sido investigadas individualmente neste relato.

Um resultado especialmente relevante apareceu na análise da permanência. Cada uma das quatro turmas iniciou com 30 matrículas, totalizando 120 cursistas. Nas duas turmas presenciais, 16 dos 60 matriculados concluíram a formação, correspondendo a 26,7%. Nas duas turmas virtuais, foram 31 concluintes entre os 60 inicialmente matriculados, correspondendo a 51,7%. Assim, no conjunto das turmas analisadas, a proporção de concluintes na modalidade virtual foi superior à observada nas turmas

ISSN: 2358-8829

presenciais, apesar das dificuldades de interação e acompanhamento percebidas pelos instrutores.

Esse resultado merece atenção justamente por não acompanhar, de maneira linear, as condições pedagógicas observadas durante as aulas. A modalidade na qual os instrutores perceberam melhores condições para interação, acompanhamento das produções e realização de atividades práticas foi aquela que apresentou menor proporção de concluintes. Nas turmas virtuais, por sua vez, as maiores limitações para interação direta coexistiram com maior permanência. A experiência demonstra, portanto, que condições percebidas pelos docentes como mais favoráveis à interação pedagógica não correspondem necessariamente a maior permanência dos participantes.

Não é possível, contudo, atribuir essa diferença exclusivamente à modalidade de oferta. O presente relato não investigou as razões individuais que levaram os cursistas a interromper a formação. Dessa forma, fatores relacionados a deslocamento, disponibilidade de horário, compromissos profissionais ou familiares, distância da universidade ou outras circunstâncias não podem ser apresentados como explicações para as desistências observadas. Os dados permitem afirmar somente que, nas quatro turmas analisadas, a permanência foi proporcionalmente maior nas turmas virtuais. A investigação das razões dessa diferença exigiria instrumentos específicos e a consideração da perspectiva dos próprios cursistas.

No que se refere à aprendizagem, as observações realizadas durante o desenvolvimento das aulas permitiram acompanhar avanços na participação e na utilização dos conteúdos trabalhados pelos cursistas que permaneceram nas formações. Contudo, os dados de conclusão não devem ser interpretados como medida de aprendizagem nem permitem afirmar que uma modalidade tenha produzido resultados linguísticos superiores à outra. A experiência possibilita reconhecer processos de desenvolvimento dos participantes ao longo das atividades, mas uma comparação do desempenho linguístico entre modalidades exigiria instrumentos específicos de avaliação e um desenho metodológico diferente daquele adotado neste relato.

Para além das diferenças percebidas entre as turmas, a experiência produziu reflexões sobre a própria atuação dos instrutores. O desenvolvimento do mesmo conteúdo programático em ambientes distintos evidenciou que o planejamento docente não se limita à definição do que será ensinado. Foi necessário considerar as possibilidades de

ISSN: 2358-8829

interação, as formas de acompanhamento das produções e as condições disponíveis para realização das atividades, adaptando as estratégias às características de cada modalidade.

Essa constatação se mostrou especialmente significativa porque determinadas práticas consideradas adequadas ao presencial não apresentavam necessariamente a mesma dinâmica quando realizadas virtualmente. A experiência exigiu dos instrutores decisões relacionadas não apenas à seleção de atividades, mas à maneira como os cursistas poderiam visualizar, produzir e interagir em Libras em cada ambiente. Nesse sentido, a atuação nas quatro turmas constituiu também um processo de reflexão sobre a prática docente e sobre a necessidade de planejar o ensino considerando conjuntamente as especificidades da língua, os objetivos da formação e as condições concretas em que as aulas são desenvolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas nas quatro turmas de Libras Nível Básico da UERN/DAIN evidenciaram que a oferta de um mesmo conteúdo programático em modalidades distintas produz demandas diferentes para a atuação docente. No presencial, as condições de interação favoreceram o acompanhamento das produções sinalizadas e o desenvolvimento de atividades práticas e coletivas. No virtual, dificuldades relacionadas à conexão, ao uso das câmeras e à mediação tecnológica exigiram adaptações das estratégias utilizadas pelos instrutores. Em contrapartida, as turmas virtuais apresentaram maior proporção de concluintes, indicando que as potencialidades e limitações das modalidades não podem ser analisadas a partir de uma relação simples de superioridade entre elas.

A experiência contribuiu, sobretudo, para compreender o planejamento do ensino de Libras para além da definição dos conteúdos a serem trabalhados. Por se tratar de uma língua visuoespacial, as condições de visualização, interação e acompanhamento das produções dos cursistas precisam ser consideradas nas decisões pedagógicas. Nesse sentido, a atuação nas quatro turmas constituiu também um processo de reflexão sobre a própria prática docente, evidenciando a necessidade de construir estratégias coerentes com as características e condições de cada ambiente de ensino. As experiências relatadas podem, assim, contribuir para o planejamento de futuras ofertas dos cursos de extensão

de Libras e para a reflexão sobre práticas docentes desenvolvidas em diferentes modalidades.

Como limites deste relato, destacam-se a ausência de investigação específica sobre as razões das desistências e de instrumentos destinados à comparação da aprendizagem linguística entre as modalidades. Estudos posteriores poderão incorporar a perspectiva dos cursistas e investigar fatores relacionados à permanência, às experiências de aprendizagem e às estratégias adotadas nos ambientes presencial e virtual. O aprofundamento dessas questões poderá contribuir para o aprimoramento das ações extensionistas e para a ampliação das discussões sobre o ensino de Libras para pessoas ouvintes em diferentes contextos formativos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

COSTA, S. R. S.; DUQUEVIZ, B. C.; PEDROZA, R. L. S. **Tecnologias digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais**. São Paulo. Vol. 19. 2015. p. 603-610.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues da (org.). **Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023. v. 1. 511 p. ISBN 978-85-63240-15-6.

Ribeiro, A. E. **Tecnologia Digital**. In: Glossário Ceale. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital> Acesso em 15 de outubro de 2026.